

A naturalização do horror



Por **EMILIANO JOSÉ***

A imprensa brasileira embarcou nos novos esforços de golpe, agora, associados, a extrema-direita política, o empresariado monopolista, o capital financeiro e ela própria. Trata o quinta-coluna presente nos EUA com pompa e circunstância.

Quase metade de um século marcado por duas guerras provocadas pelas urgências do capitalismo já em sua fase imperialista, muito sangue derramado, muito sacrifício, e parecia, eram as aparências, ter ingressado o mundo numa nova fase.

Logo depois do fim da Segunda Guerra Mundial, era razoável pensar num horizonte de boas notícias. Houve a Declaração Universal dos Direitos Humanos, tão importante. O nazifascismo, levado aos tribunais, com pompa e circunstância. Tribunal de Nuremberg escancarando os crimes de Hitler e companhia.

A ideia da democracia ganhava força. O socialismo, também. Havia a proposta capitalista. E a socialista. A ver, então, quem triunfaria. E nesse a ver quem triunfaria, desponta então a chamada Guerra Fria. Mais do que a Guerra Fria, a humanidade é colocada à beira do precipício, com a bomba atômica, fase do terror nuclear, sob o qual vivemos até os dias atuais.

Nem tudo eram flores, mas inegável a existência de um clima marcado pela esperança, pela crença em mudanças, em melhorias na vida dos povos, fosse pela social-democracia, fosse pelo socialismo. O pensamento nazista, condenado, sepultado. Assim parecia. Só parecia.

Entre o final dos anos 1940 e os anos 1960/1970, aqueles sonhos foram ganhando alguma consistência, com lutas revolucionárias notáveis, como a vitória em Cuba, no Vietnã, na Argélia, nas colônias portuguesas, entre tantas.

No meio do caminho tinha uma pedra

Veio a derrocada da União Soviética, por razões endógenas, e não externas, e já se desenhara a emergência do neoliberalismo, uma espécie de recuperação, novos métodos do capitalismo, a perdurar até os dias atuais. A mostrar a todos nós a complexidade da luta política e, inegavelmente, a força do capitalismo, a capacidade de recuperação desse modo de produção.

Nem se queira, por injusto, atribuir a Karl Marx a visão da chegada rápida da revolução, a mudar profundamente as estruturas. A leitura de *Marx, uma biografia*, de José Paulo Netto, nos demonstra o quanto isso é falso.

Karl Marx tinha noção nítida do quanto era longa a caminhada em direção à revolução, à mudança de estruturas, à chegada a um novo modo de produção, diferente do modo produtor de mercadorias. Avisava isso ao longo da obra dele. Estamos testemunhando isso, testemunhando o quanto o capitalismo se alimenta de crises, e sob o neoliberalismo isso é

ainda mais evidente.

Aquele mundo, desenhado pela vitória sobre as forças nazistas, onde o papel principal foi do Exército Vermelho, importante ressaltar, aquele mundo onde tudo parecia caminharmos em direção a uma sociedade mais justa, foi esboroando-se sobretudo a partir da emergência do neoliberalismo. Diria ser sobre este solo, o solo neoliberal, o crescimento, hoje inegável, da extrema direita, acossada, agora, pelo despontar de um novo e poderoso ator da cena mundial, a China.

Não estarão errados os partidários da existência de um império em decadência, os EUA. E por isso, por experimentar uma crise sem retorno, é um império perigoso, como vai sendo demonstrada a política de Donald Trump, como fosse, sem o ser, imperador do mundo.

Horror

A impressionar, nessa conjuntura, a naturalização do horror, a naturalização das ideias nazifascistas. Estas, voltam à luz do dia, não mais vistas como pensamentos arianos, racistas, segregacionistas, negacionistas, contra a humanidade. Só de passagem, observar o rearmamento, fortalecimento militar da própria Alemanha, berço do nazismo.

Estamos vivendo um massacre televisado, mortes, massacres à luz do dia de milhares de crianças e mulheres pelo terrorista Estado de Israel, sem nenhuma ação mundial. Gaza deveria agredir, convocar a consciência mundial. Deveria nos recordar o quanto é inaceitável a repetição das práticas nazistas, a revisitação do Holocausto, como está ocorrendo.

E não agride. Assiste-se ao massacre levado a cabo pelos EUA e Israel como se fosse algo de rotina. Não há nenhum levante diante do fato de Benjamin Netanyahu dizer de sua disposição em varrer os palestinos do mapa, esvaziar Gaza. E instalar ali uma colônia de férias, com deslumbrantes hotéis à beira-mar. Estamos chegando a um grau de insensibilidade jamais visto depois do término da 2ª. Guerra.

O horror do nazifascismo, revisitado, em sua forma mais cruel. Não bastasse o sacrifício de milhares de crianças e mulheres no altar da crise capitalista, no caso de Gaza, a mortandade de jornalistas é superior ao número de mortos na Segunda Guerra Mundial. Naquela, mortos 69 profissionais.

Em Gaza, os assassinos dos EUA e de Israel já mataram 242 homens e mulheres da imprensa, conforme a jornalista iraniana Marzieh Hasmehi, comentarista e documentarista nascida nos EUA, radicada no Irã, em matéria publicada na *PressTV*, republicada pelo *Pátria Latina*.

E prometem mais, mais sangue, na limpeza étnica em andamento, na solução final proposta por Benjamin Netanyahu. E o trágico, além dos crimes em si, é o fato de a imprensa mundial fazer ouvidos de mercador a tal crime, naturalizando a morte de tantos profissionais. Imprensa mundial e brasileira.

Israel, nessa fase genocida, na fase da solução final, da limpeza étnica, proibiu a entrada de jornalistas internacionais em Gaza, sob o argumento da preservação dos jornalistas, a cuidar da segurança deles. Israel e EUA, na verdade, pretendem esconder o massacre. Os assassinatos a sangue-frio de profissionais de imprensa atingiram níveis sem precedentes. Uma tenda ocupada por cinco jornalistas da *Al Jazeera* foi deliberadamente atacada pelos soldados de Benjamin Netanyahu, todos mortos.

Um dia após o assassinato do jornalista da *Al Jazeera*, Anas al-Sharif, veículos de comunicação ocidentais, entre os quais *BBC*, isto, até a *BBC*, *Reuters* e *Fox News*, fortaleceram a acusação israelense de o profissional morto ser chefe de uma "célula terrorista do Hamas", e que havia trabalhado para a assessoria de imprensa do Hamas. O Hamas nunca terá direito a dar a versão dele. Ao menos, para a imprensa ocidental, nunca.

a terra é redonda

Imprensa brasileira

Triste e revoltante, a naturalização de tal massacre imposta pelos meios de comunicação ocidentais e pela imprensa brasileira. O movimento de naturalização de crimes atinge o Brasil, de forma nítida. Nem se discuta a ausência de qualquer boa vontade com o governo Lula, já da rotina, e pouco importa apresente números extraordinários, a beneficiar o povo.

A imprensa brasileira já fez o giro: está claramente disposta a anistiar o bolsonarismo, a apiedar-se, se a palavra coubesse, do ex-presidente, a naturalizar a atividade de quinta-coluna do filho dele nos EUA, a procurar chifre em cabeça de cavalo quanto às decisões do ministro Alexandre de Moraes, como se houvesse divisões no STF quanto ao processo contra Jair Bolsonaro e toda a quadrilha, típica manobra *fake news*.

De uma forma ou de outra, a imprensa brasileira embarcou nos novos esforços de golpe, agora, associados, a extrema-direita política, o empresariado monopolista, o capital financeiro e ela própria. Trata o quinta-coluna presente nos EUA com pompa e circunstância.

Não há escândalo diante do fato de ele trabalhar às claras para prejudicar o Brasil. Donald Trump ataca até o “Mais Médicos”, e o quinta-coluna proclama abertamente a disposição de buscar junto aos EUA mais e mais meios de seguir com a guerra híbrida contra o Brasil. Naturaliza-se tal procedimento. É um fonte, acreditada, e ponto. Aonde vamos parar? Ninguém sabe.

A celebração da democracia americana, feita com entusiasmo por liberais deslumbrados e pouco afeitos à pesquisa, parece ter se encerrado. Se aquela democracia, comandada pelo *Deep State* desde sempre, jamais tenha justificado plenamente o nome, muito menos agora.

Tudo agora, nos EUA, é estado de exceção – está certo Christian Lynch.^[1] Todas as regras antes balizadoras do Estado de direito norte-americano foram ao chão. É um governo, volto a Christian Lynch, que se “erige em ditadura no sentido mais estrito da expressão”. Uma ditadura no sentido de regime autoritário, de despotismo ou tirania. A intervenção brutal de Donald Trump em Washington é algo de fazer corar qualquer ditador. Ali, sim, clara violação dos direitos humanos contra a população. Tudo naturalizado.

Curioso queira o império decadente, nesse momento sob um governo ditatorial, jamais assim encarado pela mídia ocidental e muito menos pela nossa imprensa, dar lições ao mundo e ao Brasil sobre direitos humanos, lições também naturalizadas entre nós, lamentavelmente.

Não sei, e não sei mesmo, aonde vamos parar com tanto horror, com tanto desmando, com tanto arbítrio, tanta extrema-direita, hoje uma praga a se espalhar por todo o Ocidente, e tudo tão inaceitavelmente naturalizado.

Sorte, destino, o que seja, termos um presidente como Lula. Capaz de não se dobrar. De erguer bem alto a bandeira da soberania. De procurar unir o País na defesa dos interesses da pátria, e aqui a palavra pátria cai bem. A esperança, a partir de tanta naturalização do horror, naturalização a contar a ajuda militante dos meios de comunicação empresariais, é ver a população nas ruas, assistir à presença do povo na cena política, a contribuir para seguirmos na trilha da democracia, tão atacada pela extrema-direita nacional e pelo império em decadência.

Aquele tempo de sonhos, aquele horizonte cheio de promessas do fim da Segunda Guerra, não voltam assim como um raio caído num dia de céu azul. A revolução sempre foi obra do ser humano, continua a ser. E, como já dito, a caminhada é longa. Os tempos sombrios só são enfrentados com a presença das classes trabalhadoras. Sem elas, os horizontes permanecem nublados, como neste momento.

Pode ser apenas um desejo, mas não só um desejo: os trabalhadores logo, logo assumirão a consciência política necessária para enfrentar a crise, no Brasil e no mundo. Entrarão em luta para continuar, passo a passo, a construção de outro

a terra é redonda

mundo, sempre possível se a população trabalhadora se movimenta, com consciência.

***Emiliano José** é jornalista, escritor, membro da Academia de Letras da Bahia.

Nota

[1] Ver “Por que o governo Trump é uma dupla ditadura”, no *Diário do Centro do Mundo*, 12/8/2025.

A Terra é Redonda existe graças aos nossos leitores e apoiadores.

Ajude-nos a manter esta ideia.

[CONTRIBUA](#)